

Apresentação

Os artigos que integram este número do periódico Polifonia, organizado pela Área de Estudos Lingüísticos do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), testemunham algumas das reflexões que vêm sendo feitas na seara das Letras, desde que a língua foi rachada para deixar o de fora entrar. O de fora pode ser muitas coisas: pode ser o eu-aqui-agora da enunciação, pode ser o contexto imediato da interação, pode ser a cultura, pode ser as crenças, pode ser o pensamento, pode ser o inconsciente, pode ser a formação social, pode ser a história, pode ser a política, pode ser a ideologia etc., aspectos que, não raro, são combinados, dando origem a teorias e/ou campos disciplinares e interdisciplinares novos, que não cessam de provocar a expansão do continente da lingüística. É, pois, a articulação da língua com alguns desses aspectos, tomados em nível micro, que o leitor poderá conferir nos artigos aqui publicados.

No texto “Construindo o melhor momento para tomar o turno na fala-em-interação de sala de aula na escola pública cidadã de Porto Alegre”, Pedro M. Garcez e Paloma Silva de Melo relatam um estudo de natureza microetnográfica sobre interação em sala de aula. Examinam a auto-seleção para a tomada de turnos por parte dos alunos no início da vida escolar, quando deles é exigido o aprendizado de novas práticas interacionais,

como tomar o turno na fala-em-interação de sala de aula no momento oportuno. Focalizam a auto-seleção para a tomada de turnos de fala na “hora da rodinha” e no “conselho de classe participativo”, atentos às ações de gerenciamento e alocação de turnos, ou outras ações de controle social empreendidas pelas professoras diante dessas auto-seleções na escola.

Em “Português Brasuca: um dialeto emergente”, Kátia Maria Santos Mota descreve alguns aspectos sociolingüísticos mais marcantes na formação desse dialeto, entre membros da comunidade de fala dos imigrantes brasileiros residentes nos Estados Unidos. A autora analisa eventos de fala em que se destacam ora o português, ora o inglês, assim como situações comunicativas com tendência ao *code-switching* e ao *code-mixing*, sobretudo em campos semânticos associados à vida cotidiana do imigrante. A autora reflete também sobre a mistura entre os códigos lingüísticos, interpretada pelos falantes como uma forma de “semilingüismo”, que produz uma sensação de inferioridade, de se perceber situado em um mundo entre-lugares, de fragilidade de pertencimento.

No texto “Sociedade global, *englishes* e bilingüismo glocal”, Deise Nanci de Castro e Heloisa Augusta Brito de Mello abordam a questão da mundialização do inglês como língua franca e sua expansão provocada por questões políticas e econômicas, mais que sociais, assim como seu caráter de mercadoria e sua função de promover uma identidade global. A

mundialização do inglês não significa, contudo, sua uniformização: o idioma revela-se franco, mas no sentido plural, o que leva as autoras a falar em *englishes*, em letra minúscula, por não se referir a uma única cultura hegemônica, mas a nações pluriculturais.

O texto “Análise do discurso: a leitura no foco do audiovisual”, de Nádea Regina Gaspar, relata uma experiência de interpretação de textos filmicos – cinematográficos e publicitários – com base na teoria do discurso de Michel Foucault. A autora pretende mostrar a possibilidade de aplicação dos conceitos de enunciado, formação discursiva e arquivo à análise de textos audiovisuais, já que, segundo seu propositor, eles são bastante abertos para abarcar diferentes gêneros, diferentes materialidades, diferentes autores e diferentes objetos. Focalizando a leitura, Gaspar analisa cinco filmes, uma propaganda e duas vinhetas televisivas, buscando apreender enunciados que perfilam distintas formações discursivas sobre tal objeto temático.

Em “Breve ensaio sobre mídia e suavização de práticas lingüísticas”, Roberto Leiser Baronas analisa alguns acontecimentos discursivos sobre saberes metalingüísticos divulgados em diferentes suportes midiáticos. O autor demonstra que a “proliferação de discursos que dizem avaliativamente o português não-canônico do Brasil” e o processo de transformação da língua canônica em mercadoria pela mídia produzem um

“sujeito disciplinarizado”, controlado, vigiado. Contudo, lembrando-se de Foucault, que afirma não haver poder sem formas de resistência, Baronas evoca casos em que as línguas mais fracas vão se patenteando como línguas legítimas.

No texto “Linguagem e inconsciente em Freud: representações de palavras e representações de coisas”, Michel Arrivé e Isabel Vilela discutem a relação entre linguagem e inconsciente na reflexão freudiana, circunscrevendo-a ao estudo das representações de palavras e de coisas, num percurso cronológico que abrange três diferentes momentos dessa complexa reflexão: a gênese do pensamento de Freud nos estudos sobre afasia (1891); o estatuto da palavra nas obras “A interpretação dos sonhos” (1900), “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905); a distinção das representações de palavras e das representações de coisas como fundamento da distinção do (prê)consciente e do inconsciente na Metapsicologia e, especificamente, no artigo “O inconsciente” (1915). A leitura de Lacan sobre o inconsciente também é objeto de apreciação dos autores.

Em “Lo traductorio en el proceso de formación de profesores de E/LE – una necesidad”, Sergio Flores Pedroso reflete, numa perspectiva ensaística, sobre o protagonismo da língua materna (LM) no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Faz críticas contundentes às concepções de ensino de LE que construíram seus andaimes

teóricos e metodológicos, negando as evidências cognitivas, sociolingüísticas e discursivas da implicação inevitável da LM no acesso à LE. O trabalho culmina com um alerta sobre a relevância de se introduzir a discussão sobre o tradutório no processo de formação de professores em cursos de Letras.

No texto “Em busca dos sujeitos protomutantes: a denegação do mito das estratificações”, Valdemir Miotello e Kátia Vanessa Tarantini Silvestri, requisitando companheiros como Deleuze e Guattari, Lévy, Bakhtin, Negri e Hardt, ensaiam um elogio ao corpo e às suas metamorfoses. Vislumbram, para além do corpo estruturado, estratificado, aprisionado, um corpo desterritorializado, protomutante. O corpo protomutante é o lugar da rebeldia contemporânea, dos desejos soltos, da mais-valia relacional, da cumplicidade com a totalidade. Esse corpo foge da claustrofobia da razão e se ampara no jogo da incompletude do por-vir.

Enfim, os trabalhos publicados na Polifonia 13 são múltiplos nos temas, teorias, métodos e disciplinas lingüísticas. Contamos que muitas e múltiplas serão as leituras!

Maria Rosa Petroni

Maria Inês Pagliarini Cox